

APRESENTAÇÃO

O jornalismo foi o caminho que encontramos para a satisfação da curiosidade latente e, ao mesmo tempo, para ter a liberdade de não precisar escolher apenas uma área do conhecimento a seguir por toda a vida. Poder falar de tudo e todos sempre foi um grande alento da profissão. Porém, mais importante que a escolha, foi o que levou a ela.

São José do Rio Pardo, cidade do interior de São Paulo, abriga um movimento quase centenário. Desde 1912, de 09 a 15 de agosto, a cidade recebe estudantes, professores e pesquisadores que têm como único foco – com angulações diversas – Euclides da Cunha e sua obra. O escritor, que passou pouco mais de três anos na cidade, reconstruindo uma ponte metálica, aproveitou algumas características do local e de seus habitantes para lá escrever boa parte (calcula-se que 80%) de sua obra maior: *Os Sertões*.

Foi justamente em uma das Maratonas Euclidianas (de conhecimento, não esportiva), do ano de 2000, que nos deparamos com o jornalismo como possibilidade de vida. Não só por estudar Euclides, mas pelos que o estudavam e davam as aulas da Semana naquele ano: jornalistas do Recife, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, dentre outros. A paixão deles, e a do engenheiro-escriptor, é claro, cativou-nos. E passou a ser uma meta, um objetivo de vida.

Ao, finalmente, cursar a graduação em Jornalismo, pensamos estar mais aptos a entender e a estudar Euclides, porém, nos quatro anos que compreendem o bacharelado – a não ser por conversas paralelas, de corredor –, nada foi dito. Os livros estrangeiros são, geralmente, reverenciados, indicados e estudados como exemplos de qualidade jornalística no gênero reportagem, contudo, um grande marco na cobertura jornalística nacional, como foi a Guerra de Canudos, e seu “resultado” mais famoso não são citados.

Por esses motivos, e pela curiosidade que se mantém igual ou maior que na época de ingresso na faculdade, tomamos o “livro-vingador”, Euclides da Cunha e as reportagens publicadas n’*O Estado de São Paulo* (de 1897 e 1898) como objetos deste trabalho que pretende demonstrar que *Os Sertões* possivelmente é o primeiro livro-reportagem brasileiro.

Não se trata de descobrir algo totalmente novo, mas de propor uma nova abordagem, para que a denominação, utilizada por Edvaldo Pereira Lima e Eduardo Belo, a de livro-reportagem, seja estendida para *Os Sertões*. Esperamos que com a inclusão deste no *ranking* de livros-reportagem nacionais, desperte-se o interesse dos jornalistas, acadêmicos e estudantes de jornalismo a fazerem uma leitura mais direcionada da obra e que a utilizem como um bom exemplo de cobertura jornalística de guerra e elaboração de livro-reportagem

nacional, em uma época em que o termo ainda não havia sido cunhado e muito menos estudado.

Escolher a bibliografia que seria revisada e, conseqüentemente, daria corpo teórico ao trabalho não foi tarefa fácil, pois Adelino Brandão em seu *Euclides da Cunha: Bibliografia comentada* lista, com muita acurácia e pesquisa que perdurou por anos, nada menos que 754 páginas de publicações – de livros a ensaios, de artigos acadêmicos a reportagens – que citaram Euclides da Cunha ou alguma de suas obras até o ano de 2000.

Procuramos, então, usar como critério: primeiro, as obras que dessem uma visão geral satisfatória sobre a vida de Euclides e sua relação com o jornalismo; segundo, livros considerados obrigatórios para o entendimento do conceito de livro-reportagem; por fim, os que nos dessem um panorama de como era “feito” o jornalismo no final do século XIX e começo do XX, quando o livro foi publicado. Outro fator que determinou nossas escolhas foi a disponibilidade de tais obras. Muitas delas não possuem edições recentes e as que existem são de difícil acesso, o que demandou tempo a mais na sua localização e, se possível, aquisição.

Para que a leitura deste trabalho não seja penosa àqueles que o tenham em mãos, optamos por dividir o estudo em capítulos que pretendem tratar, separadamente, mas sem segregação de assuntos, de pontos importantes para a consideração da validade do objetivo traçado. Desse modo, há a possibilidade de leitura não-linear dos capítulos. Cada qual “fecha” um assunto, porém, são complementares. Assim:

No **primeiro capítulo**, trataremos de caracterizar o jornalista Euclides da Cunha, fazendo uma alusão a momentos de sua vida e sobre o jornalismo do final do século XIX e início do XX. No **segundo**, será feita uma breve revisão bibliográfica sobre o livro-reportagem. Será abordada como é feita a transposição das reportagens para o formato de livro.

O **terceiro** compreenderá uma análise mais aprofundada das reportagens publicadas no jornal *O Estado de São Paulo*, entre julho e outubro de 1897. Serão traçados alguns parâmetros que auxiliarão, assim, a aproximar a linguagem do livro e das reportagens, mais especificamente de sua terceira parte, *A Luta*. Será feita, enfim, a comparação entre ambos, colocando lado a lado as versões publicadas no jornal e a no livro. Nas **considerações finais**, trabalharemos sobre os resultados, para defender um enquadramento de *Os Sertões* como livro-reportagem.